

A ACULTURAÇÃO DOS BORORO DO RIO SÃO LOURENÇO

P. GUILHERME SAAKE, S. V. D.

I - OS BORORO DO RIO SÃO LOURENÇO

A maioria das observações em que se baseia este artigo foram feitas no "Pôsto Indígena de Nacionalização General Gomes Carneiro", onde me demorei de 8 a 21 de janeiro de 1952. O pôsto, mais conhecido pelo nome de Córrego Grande, fica a 40 léguas de Cuiabá, na margem direita do Rio São Lourenço. Um caminho de 600 metros liga o pôsto à aldeia, formada de 25 casas, onde vivem ao todo 76 índios, constituindo 33 famílias. Os Bororo denominam a aldeia "corregedo-paro" (*paro* = água). Faz cêrca de dois anos que o índio Sebastião Areia, vindo do alto Rio São Lourenço, exerce as funções de primeiro capitão, embora não tenha sido designado oficialmente para o cargo. Dois médicos-feiticeiros (*bari*) cuidam da saúde e dos problemas religiosos da aldeia. Poucos índios trabalham regularmente, como empregados, na fazenda do pôsto, ao passo que a maioria, inclusive mulheres e crianças, se apresenta para a tarefa somente quando tem disposição para isso. No pôsto, do qual é encarregado o sr. Plínio da Siqueira, há uma escola e um pequeno hospital.

A cinco léguas para montante, igualmente à margem direita do São Lourenço, fica o "Pôsto Indígena de Nacionalização Presidente Galdino Pimentel". O nome corrente do povoado, antiga missão salesiana, é colônia Teresa Cristina. A aldeia indígena das imediações, cujo cacique se chama Lulu Adugo (*adugo*=onça), conta umas 11 ou 12 cabanas, com mais de 90 índios e 4 médicos-feiticeiros. No pôsto, do qual é chefe o sr. Josino Prado, há uma escola, pequeno hospital e velhas instalações para beneficiamento de madeira.

Entre os dois mencionados postos, a poucos quilômetros do segundo está situada a aldeia de Remansa, ou "tori-paro" = pedra no meio da água, segundo a denominação indígena. Aí vive o "cadete", chefe supremo de todos os Bororo nomeado pelo próprio General Rondon. É um velho com mais de 70 anos de idade, pertencente à divisão tribal dos *Xerai* e portador do nome índio "adugo pode" (onça brava). Atualmente tem uma espôsa apenas, mas diz-se que outrora esteve casado com duas e, por algum tempo, até com quatro mulheres.

A uma légua de "Presidente Galdino Pimentel", na margem oposta do rio, fica o "Pôsto Indígena de Criação Piebaga", onde vivem cinco

índios, incumbidos de tratar de umas 40 cabeças de gado. Rio abaixo dizem existir uma grande aldeia bororo. Outros grupos moram para montante e nas nascentes do São Lourenço, em cuja bacia se encontra a maioria dos remanescentes da tribo, num total de umas 700 ou 1000 almas.

II — CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NA VIDA DOS BORORO

Já era noite, quando, a 8 de janeiro, fiz a primeira visita à aldeia em companhia do sr. Plínio. Havia sido iniciada uma cerimônia fúnebre pela morte de um companheiro de tribo. Deparei uma cena inesquecível: índios nus, ataviados de plumas multicores e pintados de urucu dansavam, banhados de suor, ao ritmo de monótono canto mortuário e dos sons dum chocalho. Uma vez ou outra avivam-se as chamas da fogueira para iluminar uma cena de expressão e originalidade superiores a tudo o que até então eu lera em livros sobre os índios.

A pouca distância da casa, via-se um casal acocorado no chão, vestido com roupas de tipo civilizado, apático e como que alheio à comunidade indígena. Pergunto por que motivo João Comprido não toma parte nas danças; é que a mulher está grávida, informam, e, além disso, está exausto do trabalho nas roças do pôsto.

Nos dias seguintes confirmou-se o que eu observara na primeira noite: não obstante continuar viva, de modo geral, a primitiva organização da tribo, vai-se infiltrando na vida do grupo, principalmente na geração dos moços, um número cada vez maior de elementos da civilização brasileira.

A - Conservantismo

As festas, entre as quais as comemorações mortuárias ocupam o primeiro lugar, são as ocasiões mais propícias para se verificar a observância dos costumes tradicionais. No dia da minha chegada e no imediato presenciei o primeiro ato das cerimônias fúnebres. A cena de enterramento diante da casa dos homens afigurava-se, a um tempo, como peça teatral muito bem estudada, pela perfeição com que se representavam os papéis, e como ato de profunda religiosidade, pelo comportamento devoto e piedoso dos participantes. Tôda vez que um novo ator entrava em cena, um dos índios, tomando-o pela mão, o conduzia para junto do cadáver colocado numa esteira, o que lembrava as cerimônias eclesiásticas em que o diretor da cerimônia leva para o centro do côro o cantor principal. Os cantos e danças eram longos e cansativos. Como que chamadas por algum sinal, as mulheres, que não participavam de tôdas as fases das cerimônias, vinham do interior de suas cabanas, mudas, para representar o seu papel. O canto de seu estribilho monótono era profundamente impressionante. Logo depois desapareciam, sem que se dissesse palavra. Tudo em perfeita ordem e com seriedade, sem ser preciso alguém dar instruções ou fazer recomendações. Uma atmosfera religiosa digna e tranquila.

Perto do defunto viam-se, no chão, os objetos que lhe tinham pertencido e que deveriam ser queimados ou quebrados. O encarregado me assegurou - os índios o negaram - que também as facas, espingardas e máquinas de costura, preciosidades quase insubstituíveis, são destruídas ou lançadas na água após a morte do dono.

Muito mais impressionante ainda foi o segundo ato da cerimônia, realizado cerca de um mês após o entêrro. Era a festa de "tirar e enfeitar os ossos" e dela participaram todos, inclusive os empregados do posto. Para assumir a direção veio o cadete; de todos os lados chegaram os índios dos arredores. Na primeira tarde, cantou-se longo canto fúnebre diante da sepultura. A seguir, as cerimônias continuaram nas casas dos homens, onde um dos cantores encarnou o espírito do defunto. Quando este se manifestou, passou um frêmito por todos os presentes, que o saudaram com uma exclamação. À pergunta do espírito pela razão da tristeza que os domina respondem, a uma voz e com a mais viva excitação, que a febre, entrando na aldeia, arrebatou um companheiro. E à informação que a febre acabará, e ninguém morrerá, é geral a voz de satisfação e alívio. É uma cena comovente; os índios que há pouco jaziam sonolentos em suas esteiras, prestam atenção a tudo o que se passa.

Na madrugada seguinte, o *aiji* (zunidor) anuncia a visita dos espíritos. Depois do almoço, encontro os índios na casa dos homens, ataviando os espíritos ao cadete e ao Capitão Sebastião. Tudo se passa como nos bastidores de um teatro. Por fim os dois homens, com o vistoso *pariko* duplo, as penas coloridas cobrindo o rosto e o tronco, a longa vestimenta de fibra de palmeira, à maneira de saia, envolvendo a cintura e caindo até o chão, estão inteiramente transformados e ninguém os reconheceria. É inesquecível a dança que esses espíritos, acompanhados de quatro guerreiros, executam à luz do sol poente em redor da praça que se estende diante da casa dos homens. Os próprios índios, tomados de entusiasmo, vêm perguntar-me se acho bonita a dança. Numa área circular, longe dos olhares das mulheres, que durante a dança se haviam fechado em suas cabanas, desataviavam-se os caciques. Em seguida ouve-se o *aiji*, que comunica aos moradores da aldeia o fim da visita dos espíritos.

No terceiro e último dia deste segundo ato dos funerais retira-se o cadáver da sepultura, removendo, junto a água, a carne em decomposição. A seguir, enfeitam-se os ossos com penas e com urucu; de manhã a caveira e de tarde as partes restantes do esqueleto. Não assisti ao desenterramento, nem à cerimônia de adornar o crânio. Em compensação, presenciei, no período da tarde, o ataviamento dos outros ossos, a que se procedeu, ao abrigo dos olhares femininos, atrás duma esteira armada na casa dos homens. Com voz solene e comovente, um velho entoou um longo canto. Enquanto se pintavam os ossos, executava-se em torno deles uma dança frenética, da qual participaram também duas mulheres. Por fim, postos os ossos enfeitados numa cesta oblonga, foi esta costurada pela parte superior. Com auxílio duma faixa de carregar, uma velha, em companhia do Capitão Sebastião, de um tocador de flauta e mais alguns índios, transportou os despojos para sua casa, onde ficaram guardados

por alguns dias. E como ato final das cerimônias, a cesta com os ossos foi lançada no fundo da água.

As festas mortuárias subsistem, pois, em todos os pormenores de suas complicadas formas tradicionais. A apresentação solene das longas canções, a maneira natural com que se desenrolam as numerosas cerimônias, o comportamento digno dos participantes - tudo isso revela que os padrões tribais continuam vivos na existência da comunidade. Também o rigor com que se observa a exigência de se destruírem todos os objetos deixados pelo defunto, por valiosos que sejam, mostra êsse apêgo à tradição.

Coisa semelhante pude observar no "bacururu da onça", festa que se realiza após a caçada duma onça. O minucioso cerimonial que dela faz parte sobrevive completamente.

Na vida bororo cabe especial importância à casa dos homens, a maior e mais bonita construção da aldeia. Lá eu encontrava os homens e os moços jogando, conversando, trabalhando e também dormindo. Cada qual tinha o seu lugar, de acordo com o grupo a que pertencia, na proximidade de uma ou de outra saída. Às mulheres é proibido entrar nessa casa, salvo em circunstâncias especiais. Ao anoitecer, o mundo masculino em pêso reunia-se na praça em frente da casa dos homens. Deitados sobre esteiras, uns fumavam e outros comiam piquis, conversavam com o capitão sobre os acontecimentos do dia e discutiam trabalhos e tarefas a serem feitas. Nessa oportunidade o capitão dava as ordens para o dia seguinte.

Verdadeira incorporação do espírito conservador, tão vivo nos mencionados costumes e instituições, encontrei no pescador do pôsto, Manuel Amaro Pio, ao qual, em atenção à alta estatura, à dignidade de atitudes e ao comportamento hierático, eu o chamava de "Patriarca". Era êle o ancião que, na última parte da festa mortuária acima descrita, entoou de maneira tão fervorosa, a longa canção fúnebre. Em virtude da idade, já lhe é difícil ficar acorado na canoa estreita; por isso são raras hoje as suas pescarias. Mas quando sai a pescar, traz sempre um pacu ou um grande pintado. Como recebe as refeições da cozinha do pôsto, pude observar as suas maneiras sóbrias. Pertence ao grupo dos conservadores, à velha guarda fiel às tradições; por isso não come a carne de porco que acaso lhe venha no prato, atendo-se rigorosamente à prescrição de não se alimentar com a carne do "porco branco", mas apenas com a do "porco preto" (porco do mato). Manuel tinha sempre um ar de tristeza e melancolia; parecia afligí-lo a convicção de não estar longe o fim da tribo e de os próprios irmãos apressarem a sua extinção.

Contudo, a força das velhas leis manifesta-se mesmo nos índios já dominados pela civilização. João de Oliveira, que na qualidade de remador havia chegado até Corumbá, prometeu arranjar-me um *aiji* a trôco de dinheiro. De fato, pouco antes de minha partida entregou-me um zunidor cuidadosamente embrulhado. Mas, receoso, pediu-me que não o mostrasse às mulheres índias, embora as brancas pudessem vê-lo

sem restrição. Só ficou tranquilo depois de eu esconder o perigoso objeto bem no fundo do saco de viagem.

Antônia, a índia mais moderna da aldeia, que pintava o rosto à maneira das mulheres brancas, que timbrava em andar bem vestida e que era bastante viajada, respeitava, contudo, as leis e instituições tradicionais. O marido, Joaquim, confessou-me que a esposa não acreditava no *aiji*, nem na voz dos espíritos e que já vira mesmo o zunidor. Não obstante, informou, foge para a cabana, como as demais, ao ouvir o ruído do *aiji*.

A cultura pode conservar-se apenas enquanto subsiste a coesão interna do grupo e os indivíduos consideram necessário viver na comunidade. Ora, entre os Bororo do São Lourenço continua vivo o apêgo ao grupo local, o que se evidencia, por exemplo, pela saudade de todos os que, por um motivo ou por outro, deixaram a aldeia natal. Assim, Virgílio Comerire, que revelou especial pendor para a música - é conhecida a capacidade musical dos Bororo - foi enviado a Corumbá para estudar. Depois viajou para São Paulo e o Rio de Janeiro, a fim de exhibir o seu talento artístico. Apesar do êxito não se sentiu feliz enquanto não regressou ao convívio dos companheiros na aldeia da Colônia Teresa Cristina, onde hoje goza de grande prestígio como *bari*.

Paulo Tori (o nome bororo é *tori kijagureu* = pedra vermelha) é afilhado do General Rondon. Viveu vários anos no Rio de Janeiro, onde aprendeu bem o português. Há pouco tempo voltou, porém, à aldeia natal e, embora o fato de ter viajado para longe e de ser afilhado do General lhe confira posição especial na comunidade, reintegrou-se inteiramente nos padrões tradicionais.

Antônia Barimode, a que acima se fez referência, se transferiu, há mais de dez anos, para "Fraternidade Indígena" o posto mais bem aparelhado do Serviço de Proteção aos Índios. Foi em companhia do irmão, que tinha o desejo de viver em ambiente mais civilizado, e lá se casou com um índio umotina inteligente e bastante influenciado pela cultura dos brancos. Em 1950, após uma ausência de 12 anos, voltou à aldeia natal, a fim de tratar-se com o cadete, e foi só com relutância que tornou a acompanhar o marido para Fraternidade Indígena. No ano seguinte (1951) regressou sòzinha para a aldeia bororo, casando-se com o empregado Joaquim. Em troca da aldeia natal abandonou, pois, um posto mais bem organizado, a vida cômoda de Fraternidade Indígena e, ainda, o marido civilizado.

O baluarte mais importante da coesão tribal é o cadete, que, além de ocupar o posto mais alto na direção da tribo, é personalidade de extraordinária projeção: não somente os índios, mas até civilizados de Cuiabá procuram-no quando estão enfermos. Consciente de sua capacidade, cobra caro os serviços que presta; o pagamento é feito só em dinheiro, mesmo da parte dos companheiros de tribo. Os índios acreditam que o cadete sabe tudo: é médico, benzedor, advinho, tirador de sorte; quando dorme, o seu espírito pode abandonar o corpo, transformar-se em animal e atrair os bichos do mato, para serem mortos pelos caçadores. Pela posição que

ocupa, o cadete é o expoente da tradição tribal: é quem dirige as principais cerimônias, mormente os funerais, e quem toma a iniciativa para a iniciação dos jovens. Julgam alguns que a sua morte trará a dissolução da tribo bororo e a desintegração de sua cultura.

Outro baluarte dessa cultura é o *bari*. Logo na primeira noite observei o *bari* no seu ofício de curador; estava inclinado sobre o corpo do paciente, ora sugando, ora cuspiendo, banhado em suor. Este *bari* me visitou várias vezes, mas não quiz conversar comigo, mantendo sempre atitude desconfiada e reservada. Em várias ocasiões verifiquei que o poder misterioso do *bari* não se perdeu. Quando está resfriado ou com dor de barriga, o índio procura a enfermeira do posto para pedir alguns comprimidos; em casos mais graves, porém, recorre ao *bari*. Perguntei porque as famílias têm prole tão pouco numerosa. Joaquim me respondeu que o nascimento dos filhos exige muitos sacrifícios e que não se pode dormir nem de dia, nem de noite. E porque não? Se os pais adormecem e acaso têm algum sonho mau, devem contá-lo ao *bari*, que então manda matar a criança.

O terceiro baluarte da cultura tribal é o cacique ou capitão, que frequentemente, como em Córrego Grande, é ao mesmo tempo *bari*.

Enquanto essas três forças existirem na tribo os Bororo não se civilizarão, por estreito que seja o seu convívio com os brancos. Bastam elas para se manter viva a tradição tribal e se evitar que a civilização venha a dominar a alma do povo.

B - O Avanço da Civilização

Se é verdade que os Bororo se aferram aos antigos costumes e instituições muito mais do que, por exemplo, os Bakairi, isto não quer dizer que a sua cultura se tenha conservado impermeável à civilização. Os contactos com os brancos remontam à época dos bandeirantes. Depois, no fim do século passado, as relações se estreitaram com a fundação das colônias militares de Teresa Cristina e Isabel, na margem do São Lourenço. Na mesma época os missionários salesianos iniciaram a catequese no Rio das Garças. Daí a alguns anos, por fim, o Serviço de Proteção aos Índios criou os postos do São Lourenço. Tudo isso não podia deixar de repercutir na existência da tribo.

Hoje o Bororo está acostumado ao *braide* (branco): a sua chegada não causa alvoroço e as conversas, os trabalhos e as festas continuam como se nada houvesse. Ninguém se opôs à minha entrada na casa dos homens; nas festas permitiram que eu observasse tudo e deixaram-me fotografar à vontade. Quando me dispus a tirar retratos, apenas uma velha ficou zangada e saiu praguejando. Contei isso aos homens, eles se riram e disseram que eu não fizesse caso dela. Os homens mostraram-se afáveis para comigo, explicaram-me as suas armas e levaram-me a suas casas. Só as mulheres e crianças mantiveram-se retraídas, fugindo sempre que possível e, com exceção de Antônia, não diziam palavra.

Bem diferentes foram os contactos do padre Colbacchini, há 40 anos, com os Bororo do Rio das Garças, quando os homens receberam os missionários com reserva e até hostilidade. As crianças eram retiradas da proximidade dos estranhos e teria sido impossível agradar ou afaçar uma delas. Bastava, então, os missionários surgirem ao longe, para as mulheres se esconderem.

Hoje, o contínuo contacto com os brancos parece já ter dado origem a um certo liberalismo de parte dos índios. Dêstes "livres-pensadores" falou-me o sr. Josino Prado, encarregado de "Presidente Galdino Pimentel". Certa ocasião, quando foi consertar uma ponte no caminho do posto "General Gomes Carneiro", matou, para o almoço, um veado, o animal sagrado dos Bororo e mãe-primária da tribo. Surpreendido ao ver que os índios comiam a carne sem a menor relutância, foi-lhe explicado por êles que as restrições alimentares valem na aldeia, onde há gente atrasada, e que fora dela não é preciso levá-las a sério.

Caso análogo eu mesmo presenciei na sede do posto "General Gomes Carneiro". Qual fantasma surgindo da noite escura, apareceu de súbito na sala iluminada o índio Gerigige, o cego, para pedir um pouco de comida. Gerigige recebeu o prato e acorou-se num canto. De repente ecoou pelo espaço um ruído de satisfação verdadeiramente animal: o índio descobrira no prato um pedaço de carne de porco. Gerigige já não se prende às restrições alimentares. Como, além disso, ridiculariza o *bari*, imitando-lhe o ritual em divertida pantomima, dá a impressão de não respeitar mais as tradições da tribo.

Onde quer que duas culturas se encontrem, surge, necessariamente, o conflito entre os elementos incompatíveis. Com referência aos Bororo, o regime de trabalho, o dinheiro, a indumentária, a língua, a escola e a religião, trazidos pelo homem civilizado, tiveram efeito desintegrador sobre a cultura tribal.

Os Bororo são caçadores e pescadores, mas praticam também um pouco de lavoura. As roças, que me mostravam orgulhosos, não pareciam testemunhar especial dedicação ao cultivo do solo. Mas é grande a sua habilidade manual. A perfeição de seus arcos e flechas não é atingida por nenhuma das tribos vizinhas. Os objetos de adorno, especialmente o *pariko*, revelam senso artístico para a combinação das cores. Conheci um índio que habilmente confeccionava camisas com antiquada máquina de costura; outros são marceneiros, outros ainda mecânicos. É compreensível que utensílios de ferro sejam os objetos mais apreciados pelos Bororo em seu comércio com o visitante e, entre êles, anzóis e espingardas em primeiro lugar. Para fazer-se trabalhador eficiente, bastaria o Bororo ter orientação sistemática. Como, porém, o encarregado não pode exercer nenhuma pressão sobre os índios, a maioria deles só trabalha quando impelida pela necessidade ou pelo capricho.

O cruzeiro desempenha papel importante na vida do Bororo. Quando eu quis tirar a primeira fotografia, pediram-me 10 e até 20 cruzeiros. Só depois de o encarregado do posto lhes explicar que eu não era nenhum dos repórteres ricos que de vez em quando aparecem na aldeia

e que eu viera para conhecer e estudar a vida indígena, é que desistiram da exigência. Que faz o Bororo com o dinheiro? Quando surgem na aldeia as mulas do mascate carregadas de preciosidades, o índio compra sabão, perfumes, cigarros, fósforos, cartuchos para a espingarda e uma porção de outras coisas. Maior ainda é o alvoroço quando chega o caminhão da inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios, o que em geral se dá de dois em dois meses. Os empregados do posto tornam-se então alvo da inveja dos demais; como a maior parte dos seus serviços é paga em mercadorias, eles mandam trazer da cidade o que necessitam para si e suas famílias. Biscoitos de farinha de trigo são muito apreciados; pedem também facas, anzóis, roupa, sapatos (a que os pés do índio dificilmente se acostumam) e mais coisas úteis e inúteis. Em geral, os trabalhadores recebem uma fração do pagamento em dinheiro. Um ou outro índio procura ganhar alguma coisa, vendendo produtos de sua habilidade manual. Arco e flecha custam mais de 50 cruzeiros. Magníficos são os trabalhos do Capitão Sebastião, que, além de arcos e flechas, oferece gamelas, que, na cidade têm muita procura. Na distribuição das mercadorias ficam descontentes os preguiçosos, os que não trabalham na roça nem na casa; queixam-se então do encarregado, que teria a obrigação de distribuir entre todos os membros da aldeia a remessa que recebe, sem deles exigir retribuição em forma de dinheiro ou de trabalho. No posto e na aldeia são proibidas as bebidas alcoólicas, que os índios, aliás, não sabem fabricar. Mas também aí se faz sentir a presença do dinheiro; no dia imediato ao do pagamento o próprio capitão cheirava a álcool. Para obter dinheiro, o Bororo sacrifica até os objetos que lhe são mais caros. Joaquim possuía valiosa flauta, usada em cerimônias funerárias; como eu não estivesse disposto a pagar os 100 cruzeiros que pedia por ela, pouco antes de minha partida, entregou-a, embora pesaroso, por 50 cruzeiros. Se todos os índios trabalhassem na roça, haveriam de enriquecer. A tal mister, porém, se dedicava apenas meia dúzia deles, em companhia de mais dois ou três homens; assim mesmo, puderam mandar à cidade muitas arrobas de milho. Mas o trabalho regular não se coaduna com a vida dos índios: contradiz-lhes à mentalidade, como às instituições, que os obrigam a estar ocupados constantemente com alguma das numerosas festas. Só com a extinção dessas instituições e com o desaparecimento do *bari* e do capitão, que velam por elas, poderá haver mudança neste sentido.

Não vi mulher alguma que estivesse inteiramente sem roupa; em geral tinham o tronco vestido. Dá-se pouca atenção ao asseio da indumentária, e como não há o costume de lavar a roupa, as peças novas não tardam a tomar o aspecto das velhas. As crianças de pouca idade frequentemente andam nuas, o que também se observa nas famílias de caboclos e sitiantes. Quando eu quis tirar o retrato dos filhos do Capitão Sebastião, a mãe se apressou a pôr-lhes um vestidinho. No posto os homens sempre se apresentam vestidos; mas na aldeia, na casa dos homens, muitas vezes andam nus, ou melhor, com o estôjo peniano, que usam também sob as roupas de civilizado, para não terem a sensação de nudez ou de falta de decôro. Não quer dizer isto que não gostem de boas roupas.

Em troca de um par de calças azuis e de uma camisa cáqui, que lhe ficavam muito bem, o Capitão Sebastião deu a um fazendeiro dois valiosos arcos. Mas como tivesse a cabeleira e o corpo pintados de urucu, as novas peças não tardaram a perder a sua beleza. Alguns dos trabalhadores moços, principalmente os que são empregados do pòsto, já não gostam de aparecer sem roupa. Também participam só das festas mais importantes, como, por exemplo, da grande festa mortuária, ocasião em que o encarregado dispensou todos os trabalhadores. Êsses moços se apresentaram à festa vestidos de calças, o que lhes dava aparência grotesca, sobretudo quando tinham na cabeça o *pariko*, isto é, o grande enfeite de plumas. Não participavam das danças com entusiasmo, mas com negligência, à espera dos intervalos para descanso, e dos textos das canções não pareciam saber muita coisa.

A escola criada pelo Serviço de Proteção aos Índios em Córrego Grande e na Colônia Teresa Cristina ainda não conta com a aprovação dos índios. No primeiro dia de aula, em que se distribuem presentes e peças de roupa, não falta ninguém. Mas com o tempo vai diminuindo o número dos alunos, pois os pais consideram muito mais importante que a criança aprenda as artes de pescar e caçar do que a de ler e escrever. Não fôsse a frequência mais ou menos regular dos filhos de alguns caboclos que trabalham para o pòsto, durante muitos dias da semana a professora não teria o que fazer. Não admira, pois, que a maior parte das crianças não fale o português, nem saiba ler e escrever. X

Era praticamente impossível entabular conversa com alguma das mulheres. Não pude saber se era por ignorância do vernáculo, pois quase tôdas, se não conseguiam fugir a tempo, ficavam mudas. O mesmo vale para as crianças. Entre os homens há vários que falam o português com desembrço, principalmente os que têm mais contacto com os brasileiros (como o cadete, o capitão e os empregados) e os que passaram algum tempo fora da aldeia. E' verdade que alguns dos velhos conhecem poucas palavras sòmente. A conversa se tornava difícil sobretudo quando eu fazia perguntas sòbre assuntos abstratos, como religião, tradição e mitos. E' possível também que houvesse relutância em revelar essas coisas, pois no último dia pediram-me que eu ficasse, prometendo contar uma porção de mitos e dar explicações sòbre a religião.

Entre os Bororo do São Lourenço não há assistência religiosa cristã. Os padres que trabalham entre os civilizados da região têm de seus superiores a ordem de não batizarem crianças bororo, a não ser que estas sejam criadas por famílias católicas brasileiras. Os poucos índios batizados que encontrei vinham da missão salesiana de Meruri ou Sangradouro. Um ou outro sabia ainda alguma oração e vinha pedir um terço ou uma medalha, mas no mais o credo católico estava esquecido. Quanto a mim, os Bororo me tratavam com grande deferência; ao que parece, por eu ser padre, *bari* (como me chamavam) dos brancos. Mas não só por isso. Nem sempre permitem a estada dum padre em seu meio e certa vez até quizeram suspender uma festa em sinal de protesto. Depois de

alguns dias costumam mesmo aborrecer-se com qualquer visitante e, por endinheirado que seja, pedem ao *braide* que vá embora.. A mim trataram bem até o último dia, e o pesar manifestado à minha partida parecia sincero. Queriam que eu ficasse morando com eles.

III - A PASSAGEM PARA A CIVILIZAÇÃO

Diante dos fatos expostos impõe-se uma pergunta: Poderão os Bororo sobreviver com a sua cultura, da qual, sem dúvida, conservam os valores fundamentais? Com a vida que levam agora não podem ganhar o seu sustento. E, de qualquer forma, é evidente que não se pode transformar seres vivos em objetos de museu; a passos lentos, mas seguros, a civilização penetra até os recantos mais afastados das florestas.

Seria possível, então, uma passagem paulatina da existência tribal para uma vida civilizada como a dos caboclos? No São Lourenço, a mortalidade supera a natalidade. Nos últimos três anos era de 9 por 3, aproximadamente, a relação dos óbitos e nascimentos. Homens e mulheres não desejam prole, não só pelo motivo já mencionado, de serem obrigados talvez a matar a criança por causa de algum sonho mau, mas também, ao que me disseram, por não quererem ver os filhos como escravos dos brancos. Não parece, pois, provável que grande parte da tribo venha a passar para a vida cabocla. (Os missionários salesianos informam que as famílias bororo de suas missões têm prole numerosa, não havendo aí retrocesso de população. Por outro lado, muitos desses índios são alcoólatras.)

Condição essencial para a sobrevivência dos Bororo e a sua integração na vida civilizada é que sejam educados para o trabalho regular. E, por mais que doa ao etnólogo, tal não será possível enquanto subsistir a influência do capitão e do *bari*. Quem quer que procure resolver esses problemas, deve basear o seu trabalho na estima do índio como ser humano, não podendo tampouco ignorar o cunho religioso que marca tôdas as manifestações culturais da tribo.

(Tradução de Egon Schaden)